

Danço logo existo, penso logo existo: democracia racial ou mito da democracia racial sob uma nova configuração no Programa Esquenta?¹

Roberto Jardim da Silva

Doutorando em Sociologia - Universidade Federal do Paraná

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar a representação das pessoas negras no programa de televisão da *Rede Globo*, “*Esquenta*”, verificando se este consegue promover ou motivar reflexões acerca das desigualdades étnico-raciais no Brasil ou reproduzem os lugares sociais que o racismo delegou a esta parcela da sociedade brasileira, uma vez que a falsa ideia de igualdade racial no Brasil é opressora e silenciadora das diferenças sociais causadas pela racialização das relações sociais. Este programa de televisão foi analisado porque a mídia é um importante mecanismo de veiculação e enraizamento da forma como as pessoas negras são representadas na sociedade brasileira. Para esta análise foram usados os referenciais teóricos Frantz Fanon, Joel Zito de Araújo e Knolo Foé. Parte-se da hipótese de que os estereótipos sobre a população negra estão tão enraizados também nos meios de comunicação, que as tentativas deste programa, cujo um dos objetivos anunciados seria romper com a ideia de desigualdade racial, muitas vezes fracassam, pois, estão permeadas pelas ideias de democracia racial e de branqueamento. Concluímos que o programa não promove uma discussão de fato transformadora acerca das relações raciais, pois, não consegue romper com o mito de democracia racial e com a ideia de branqueamento, sendo o rompimento com esses dois paradigmas de construção da sociedade brasileira, condição necessária para se promover uma discussão étnico-racial transformadora acerca das desigualdades raciais no Brasil.

Palavras-chave: Protagonismo; Representação social; Mito da democracia racial; Branqueamento;

Abstract: The objective of this study is to analyze the representation of black people in Rede Globo television program, “*Esquenta*”, verifying if it can promote or motivate reflections on ethnic-racial inequalities in Brazil or reproduce the social places that racism delegated to the Black society, since the false idea of racial equality in Brazil is oppressive and silencing social differences caused by the racialization of social relations. This television program was analyzed because the media is an important mechanism of placement and rooting of the way black people are represented in Brazilian society. For this analysis were used the theoretical references Frantz Fanon, Joel Zito de Araújo and Knolo Foé. It is hypothesized that stereotypes about the black population are so entrenched in the media that the attempts of this program, whose aim would be to break with the idea of racial inequality, often fail because they are permeated by the ideas of Democracy and money laundering. We conclude that the program does not promote a transformative discussion about race relations, since it can not break with the myth of racial democracy and the idea of money laundering, being the rupture with these two paradigms of Brazilian society, a necessary condition for A transformative ethno-racial discussion about racial inequalities in Brazil.

Keywords: Protagonism; Social representation; Myth of racial democracy; Bleaching.

¹ Este artigo foi apresentado no III congresso de pesquisadores/as negros/as do Sul (III COPENE SUL) em julho de 2017. <http://copenesul.com.br/>.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa estabelecer uma análise do programa *Esquenta* da Rede Globo sobre a forma como as pessoas negras são representadas e também busca verificar qual o lugar reservado a essas pessoas no programa. A escolha do *Esquenta* como objeto de análise se justifica pelo fato de que, mesmo havendo um número considerável de análises deste programa presentes em artigos, monografias e dissertações, foi possível verificar e constatar que até 2016 nenhuma delas tratou de fato da questão etnoracial, do racismo, do branqueamento ou da democracia racial. Nessas análises está presente a discussão sobre a diversidade (algumas delas, sugerindo ser positivada no programa), acerca de processos comunicacionais, de mídia de classes sociais, verbalizadas como minorias, e sobre estereótipos, mas de forma generalizada. Mas o racismo enquanto questão não aparece, sendo mais evidente uma discussão sobre preconceitos, de forma bem generalista, dissolvendo o preconceito racial entre os demais.

No artigo *“Tudo junto e misturado”*: *Práticas discursivas do programa Esquenta!* Ohana (2014) trata de processos comunicacionais e da diversidade como sendo algo positivado no programa. Em *A Representação Social do Popular na Mídia Televisiva: O Caso do Programa “Esquenta!” da Rede Globo*, Pinheiro (2012) trata da representação do popular na mídia televisiva. Na dissertação de mestrado *Representações midiáticas da pobreza: O programa Esquenta! E o reposicionamento do discurso sobre os pobres na tv brasileira*, Penha (2012) faz uma discussão da representação da pobreza no discurso midiático, tendo o *Esquenta* como foco. Na dissertação *A construção da brasilidade: uma análise cultural midiática do programa esquenta- tv globo*, Corrêa (2016) buscou analisar os sentidos de brasilidade construídos no programa em questão. Na monografia intitulada *O que a Globo separa, o Esquenta Junta! Uma análise da participação das minorias sociais na televisão brasileira*, Silva (2014) faz uma análise acerca da diversidade e tentando da conta da pergunta acerca do combate do preconceito no programa. A análise tem resultados otimistas, uma vez que conclui que o programa contém a possibilidade promover entreterimento "sem reforçar os estereótipos que potencializam preconceitos contra determinados grupos sociais" (SILVA,

2014, p. 7). Na monografia *O retrato das minorias? Uma análise do Programa Esquenta como elemento de representação das diversidades sociais*, Silva (2014) tratou da discussão da representação das minorias na televisão brasileira. No artigo *Programa 'Esquenta' como palco de cidadania*, Silva (2015) buscou verificar se o *Esquenta* conseguem despertar discussões relacionadas com a cidadania. No artigo *Rede Globo de Televisão e cultura: representação das favelas brasileiras* através do programa “Esquenta!”, Souza (2012) faz uma discussão de classe social, tratando da favela na televisão, vendo o *Esquenta* como promotor desta discussão. Na monografia *Do popular ao massivo: Uma análise o programa Esquenta!*, Hilgert (2015) buscou identificar elementos da cultura popular, presentes no programa.

Dos textos verificados até então, apenas o livro *A Larva no Caroco: Regina Casé, o programa Esquenta! e a deseducação* (2016) de Everton Marcos Grison faz uma análise do ponto de vista das relações raciais. Sua análise é bastante pertinente, uma vez que aborda com propriedade questões acerca dos estereótipos das pessoas negras, reforçados no telespectador e na telespectadora pelo programa.

Este trabalho está dividido em 4 partes. Na primeira parte, intitulada *A configuração do programa esquenta e a forjada democracia racial*, é feita uma breve apresentação do programa, com algumas considerações sobre as características do palco, auditório, participantes fixos e convidados. Na segunda parte intitulada *A evidente perda da iniciativa histórica da população negra reproduzida no programa Esquenta*, é evidenciado o lugar de não protagonismo que historicamente fora construído para as pessoas negras pelos intelectuais Europeus. Na terceira parte intitulada *O lugar de protagonismo na fala científica e política*, a partir da análise de edições do programa, é evidenciado como a fala científica das pessoas negras, quando esta teve algum espaço no *Esquenta*, foi interrompida e legitimada pela fala de um intelectual branco, na qual este acaba tendo o papel de legitimar a fala intelectual negra. Na quarta parte intitulada *O protagonismo no não lugar*, mostramos a condição de não protagonista das pessoas negras em lugares não circunscritos pelos estereótipos, sendo estes contemplados como protagonistas apenas no lugar do risível ou da pessoa sem família, que foi abandonada pelo pai ou pela mãe ou no lugar de pobreza.

1. A configuração do programa *esquenta* e a forjada democracia racial

O programa *Esquenta* é uma produção da Rede Globo de televisão, criado em 2011, que ia ao ar aos domingos à tarde, tendo como apresentadora a atriz e humorista Regina Casé, conhecida no meio televisivo por apresentar programas de caráter popular. Em sua trajetória na televisão brasileira ela apresentou programas como *Brasil Legal* (1995), *Muvuca* (1998), *Central da Periferia*, (2006) e atuou como atriz em programas de humor como *TV Pirata* (1988).² Ele teve início em 2 de janeiro de 2011 e saiu do ar no dia 1º de janeiro de 2017.

O *Esquenta* contou, na sua configuração espacial, com um cenário bastante colorido recurso utilizado costumeiramente para sugerir a ideia de étnico. Trata-se de um programa de auditório, onde a plateia é, muitas vezes, convidada a interagir. Conta também com a presença de um número considerável de moradores da periferia, dentre eles, um grande público negro e mestiço, bem como personalidades negras da televisão e da música brasileira. Existia neste programa a pretensão, dita abertamente, de combater o preconceito racial e disseminar a ideia de que no Brasil “somos todos iguais” – que vivemos em uma democracia racial.

Dentre os/as artistas, cantores/as, atores e atrizes, existem alguns que participavam com relativa frequência. Grande parte deles eram pessoas negras e/ou de origem humilde como o sambista carioca negro *Arlindo Cruz*, a cantora carioca *Preta Gil*, filha do cantor e ex-ministro da cultura, *Gilberto Gil*, o ator negro *Douglas Silva*, um dos protagonistas do filme “*Cidade de Deus*” (2002) e *Mumuzinho*, cantor da comunidade do Realengo (SOUZA, 2014).

Eventualmente o programa contava também com a presença de pessoas anônimas, moradores de periferia, de intelectuais e personalidades políticas que vêm falar sobre problemas sociais do Brasil. Toda esta diversidade apresentada representa bem o ideal de democracia racial presente no imaginário brasileiro, bem como uma ideia de aproximação das classes sociais.

Para Souza (2014) o programa *Esquenta* é positivo porque seria o início de uma ruptura com a ideologia elitista que a rede globo vinha seguindo. Buscaremos evidenciar se tal

² <http://www.reginacase.com.br/vida>.

ruptura acontece na tv brasileira, porém, segundo Araújo (2000) “O mito da democracia racial³ brasileira persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela.” Mas são os papéis ocupados por pessoas negras e brancas no interior do programa que possibilitam, após uma análise cuidadosa, constatar se de fato o programa rompe com as desigualdades raciais e os estereótipos, ou apenas os reforça sutilmente.

O número de cantores e cantoras negras presente no auditório do programa é bastante expressivo. Estão presentes todos os domingos, com um repertório de músicas populares como o samba e o pagode. Os dançarinos de funk também colaboram para o entretenimento do público com suas coreografias bem elaboradas. O programa contava também com a participação de atores e atrizes negros e negras, sendo estes e estas bastante exaltados/as pelo público e pela apresentadora, como símbolos da superação da pobreza e do preconceito.

Ao olhar de forma desatenta, é possível deixar-se levar pelo clima de festa permanente presente no programa, sem promover uma reflexão sobre as situações produzidas e reproduzidas, pode-se pensar que o cotidiano da vida social brasileira caracteriza-se por essa harmonia étnico-racial e social. Porém, nos momentos em que a festa é intercalada por discussões acerca de problemas sociais, culturais ou qualquer outra discussão acadêmica, é possível identificar os primeiros problemas, uma vez que, tais discussões são sempre promovidas por intelectuais brancos, a quem é dada a legitimidade para promover reflexões acerca da realidade social de negros e brancos no Brasil.

2. A EVIDENTE PERDA DA INICIATIVA HISTÓRICA DA POPULAÇÃO NEGRA REPRODUZIDA NO PROGRAMA ESQUENTA

É possível observar que, neste programa, às pessoas negras são relegadas a tarefa de dançar e cantar, em suma, ao papel de animadores. A fala científica, sobre a cultura e o modo de vida da periferia, é sempre branca. Trata-se da essencialização dos papéis sociais atribuídos às pessoas de acordo com o fato de serem negras ou brancas. É o “Danço logo existo” substituindo o “Penso logo existo”, quando o protagonismo é atribuído a parcela negra da população brasileira. Araújo (2000), ao analisar as telenovelas da Rede Globo, mostra

³ Ver mais acerca do conceito de mito da democracia racial em : FERNANDES, Florestan, O Mito Revelado. **Revista Espaço Acadêmico** [originalmente publicado em Folhetim de São Paulo 1980], Ano II, n. 26, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/026/26hbrasil.htm>>. Acesso em 12. Jan. 2014

como a inserção e a representação das pessoas negras na teledramaturgia brasileira desde os anos 60 se dá de forma que se naturalize o lugar de subalternidade das pessoas negras no cotidiano social. Ele constatou, em sua análise, que os poucos negros e negras que apareciam nas telenovelas eram representados de forma invisibilizada, estereotipada e como não protagonistas das histórias que se sucediam neste tipo de dramaturgia. Deixa evidente que as poucas tentativas de se criar um protagonismo negro na mídia foram fortemente contestadas pelo público ou pela própria emissora. Esse não protagonismo das pessoas negras foi continuamente forjado no Brasil, fazendo-se entender como algo natural.

Foé (2012) chama esta construção do não protagonismo das pessoas negras de *perda de iniciativa histórica*. Para ele, tal lugar de reservado às pessoas negras fora construído por pensadores como Kant, Hume, Voltaire, Montesquieu, Condorcet (FOÉ, 2012, p.176) e Heidegger e Hegel (DANTAS e JARDIM, 2016). Nessa construção Kant reduzia a religiosidade das pessoas negras a fetiches e idolatria (FOÉ, 2012, p. 185). Voltarie por sua vez enfatizava a inferioridade das pessoas negras para tornar legítima a escravização (FOÉ, 2012, p.187). Montesquieu (assim como a igreja católica) defendeu que as pessoas negras não tinham alma (FOÉ, 2012, p.189). Dessa forma, os cristãos poderiam deitar sua cabeça no travesseiro após um longo dia açoitados, maus tratos conferidos aos escravizados.

Com isso, torna-se pertinente ainda interrogar-se sobre a existência de uma democracia racial, anunciada por Gilberto Freyre nos anos 1930, na mídia brasileira ou se ela é ainda um mito, um fantasma que a todo o tempo permeia as relações sociais no Brasil. Florestan Fernandes, a partir de suas análises acerca das relações raciais no Brasil disse em 1980 que a democracia racial não se tornou uma realidade e que “ela se tornou um mores, como dizem alguns sociólogos, algo intocável, a pedra de toque da “contribuição brasileira” ao processo civilizatório da Humanidade” (FERNANDES, 2003, p. 01).

De fato existe uma harmonia racial que paira no programa, mas isso só acontecer na medida em que cada um ocupa um espaço um específico, que é determinado social e racialmente (o de subalternidade para as pessoas negras e os demais espaços para as pessoas brancas). De fato há muito que fazer. O mito da democracia racial e a ideologia do

branqueamento (o esforço de ter Brasil cada vez mais branco)⁴ continuam a ser uma armadilha que impedem o resgate da iniciativa história da população negra na sociedade brasileira.

3. O LUGAR DE PROTAGONISMO NA FALA CIENTÍFICA E POLÍTICA

O dia da consciência negra no programa esquentado: equívocos e reforço de estereótipos.

Na edição exibida no dia 17 de novembro de 2013 (data que precede o dia 20 de novembro) feita a comemoração do dia da Consciência Negra, contando com um público bem mais negro, e com discussões, figurinos e apelos à questões relacionadas as pessoas negras na sociedade brasileira. Embora as pessoas negras estivessem quantitativamente representadas nesta ocasião, os estereótipos e lugares sociais continuavam a ser reforçados. Estavam presentes a juíza Luislinda Dias Valois dos Santos, primeira e única desembargadora negra do Brasil, a atriz Thaís Araújo, o ator Luíz Miranda e a ministra da Igualdade Racial, Luiza Bairros.

Tal situação fica bastante evidente, quando a juíza Luislinda Dias de Valois Santo, uma referência para os negros, sobretudo para estudantes de direito, teve cerca de 15 segundos para falar, sendo interrompida por Regina Casé, pois, o programa precisava continuar a seguir sua pauta de acontecimentos. Tal interrupção acontece também de outra maneira no momento em que a intelectual negra e ministra da Igualdade Racial, naquela ocasião, Luiza Barros, foi convidada a falar sobre a Lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileiras e africana nas escolas. Ela teve sua fala, de menos de um minuto, imediatamente completada pela fala de um intelectual branco que já redireciona a discussão para as relações raciais nos Estados Unidos e na África do Sul. Além de ter um tempo maior de fala, ele é chamado pela Regina Casé para ficar de pé e ir para o meio do palco para concluir sua fala. Como se sabe, é comum, quando não se pode evitar a discussão sobre o racismo no Brasil, redirecioná-la para os Estados Unidos, a África do Sul e dar ênfase ao

⁴ Ver mais sobre o conceito de branqueamento em: SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascenso social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Apartheid, sugerindo que em nosso país o racismo é menos agressivo e endossando uma democracia racial que sabemos não existir. Outro aspecto recorrente no programa é o fato de que a fala de pessoas negras são sempre seguidas pela fala de pessoas brancas, uma forma de legitimar o que a pessoa negra falou, uma vez que já está no imaginário social que a ciência, o conhecimento, são brancos.

A interiorização e naturalização de tais ideologias se dá, em grande medida, no processo de socialização nas escolas, quando estudamos o humanismo iluminista europeu que se pretende branco, bem como as revoluções científica branca e revolução francesa e outra estadunidense, também brancas. Também se aprende que a filosofia é branca, grega na sua essência. (DANTAS e JARDIM, 2016). A mídia também tem esse papel importante nesse processo, uma vez que bombardeia o telespectador com uma branquidade normativa que se expressa em uma maioria quase absoluta com respeito ao sujeito protagonista da produção de conhecimento científico, político e das demais esferas de realização do ser humano. Fanon (2015) fala dessa interiorização do que hoje chamamos de branquidade normativa, como consequência do processo colonial e diz que as diversas teorias raciais conferiram às pessoas brancas o status de humanidade e às pessoas negras um lugar qualquer entre o caminho seguido entre os primatas e o homem (FANON, 2015, p.13). Ele diz ainda que quando se fala de um alemão, um russo, estes têm um país específico, uma língua e podem ser advogados, engenheiros na sua cultura. Mas no caso das pessoas negras isto é diferente. Não menção à cultura, nem civilização, nem história. Segundo Fanon, as crianças negras [e acrescentamos que as crianças brancas também] aprendem com o cinema uma representação das pessoas negras que reforça este lugar de não protagonismo (FANON, 2015, p. 27).

Fanon (2015) analisa o lugar que o negro ocupa na sociedade e diz que o ele somente se realiza de fato, tendo o branco como espelho ou referência. Segundo ele o Ocidente construiu a concepção de que a humanidade é branca. Portanto, uma vez que o negro quer se tornar humano, ele tem que tomar o branco como ponto de partida para a construção de sua humanidade. Segundo ele, o homem branco viu o mundo, o queria e se viu como o mestre predestinado do mundo. (FANON, 2015, p. 103)

4. O PROTAGONISMO NO NÃO LUGAR

A copa do mundo no programa Esquentá

Durante a copa do mundo o programa contou com um cenário voltado para o campeonato mundial com uma propaganda a nível internacional contra o racismo. Nos programas circulava uma faixa em inglês com a seguinte mensagem: “*Say no to the racism*” (Diga não ao racismo). No dia 6 de junho de 2014, Regina Casé abriu o programa com uma mensagem contra todos os tipos de preconceito, o preconceito racial, preconceito religioso, a homofobia, o preconceito de classe, entre outros. Ela reforçou que a quatro anos está gritando a frase “xô preconceito” no *Esquentá*. Na sequência a apresentadora disse que quando a câmera passasse pelas torcidas de futebol: “mostre uma torcida vibrante, quente, com gente de muitas cores, gente e muitas religiões, porque esse é o Brasil, esse é o mundo em que a gente vive [...] queremos um Brasil e um mundo sem racismo” (GSHOW GLOBO, 2014). Ela convocou a todos e todas para lutar contra todos os tipos de preconceito e principalmente o racismo.

Neste mesmo episódio, foi apresentado um quadro onde convocou-se duas torcidas de países estrangeiros para vir ao programa falar sobre como é estar no Brasil durante a copa e cantar alguns gritos de guerra de torcida. Estava presente uma torcida alemã e uma holandesa. É possível observar que, independente de quais sejam os resultados no campeonato, o estrangeiro, o “gringo” é sempre sinônimo de europeu, de pessoas brancas. Não observou-se a participação de torcedores nigerianos, camaroneses, argelinos e de outros torcedores de países africanos, bem como de outros continentes. Os negros estrangeiros não são visibilizados como protagonistas nem na torcida pelo seu país.

Como afirma Joel Zito de Araújo, em entrevista no programa *Na Moral*, apresentado por Pedro Bial em 10 de julho de 2014: “Houve avanços acerca da representação do negro na teledramaturgia. Mas a mídia, bem como a população brasileira, compactuam ainda com um desejo de branqueamento da sociedade.” Segundo ele, “isso é bem visível na cor das

crianças que entraram com os jogadores na copa, a maioria branca. Até mesmo os que entraram com os jogadores africanos.” (PROGRAMA NA MORAL, 2014)

O dia dos pais no programa Esquenta

No último dia dos pais, 10 de agosto de 2014, o programa Esquenta teve como foco esta temática. Regina Casé pediu ao auditório para que levantasse a mão, quem não tinha o nome do pai reconhecido em cartório. A grande maioria das pessoas que levantaram as mãos eram negras o close da câmara nelas conduz o telespectador a pensar que todas as pessoas que levantaram as mãos eram negras. Em seguida, a apresentadora convida os cantores Djavan e Salgadinho, para falar da sua experiência como filhos que não têm o nome do pai no documento. O mesmo pedido foi feito ao ator Douglas Silva. Nesse momento a pessoa negra não e preterida, somente é convocada quando vai se falar de famílias com ausência de pais ou mães.

Essas cenas nos levam a concluir que a criança órfã é a criança negra. Possivelmente existem cantores e atores brancos que não tiveram o nome dos pais na certidão de nascimento, mas parece que isso não é nem cogitado (talvez por deixar tais pessoas mal diante das câmaras ou simplesmente por que não é interessante para a televisão fazer isso.). Tais cenas reforçam também a ideia de que a família negra, pai, mãe, irmãos (modelo de família tradicional) não existe no Brasil, no máximo existe a família inter-raciala.

Na sequência, a apresentadora, chama uma mulher que desenvolve um trabalho social de integrar pais e filhos desconhecidos, levando ao reconhecimento de paternidade. E como um dos resultados desta ação social, o programa trouxe ao ar uma filha que conseguiu se aproximar de seu pai e ter sua paternidade reconhecida, ambos eram brancos. Dentre todos os filhos não reconhecidos apresentados apenas uma era branca, e esta aparece em um contexto de reaproximação com o pai.

Desta observação percebe-se o apelo a imagem das pessoas negras como filho não assumido ou como órfão, transformando tal situação quase em uma regra, sendo aquele que nasce no seio de uma família constituída uma exceção. Em contrapartida, a jovem que também não teve a paternidade assumida ao nascer, mas encontrou o pai posteriormente, por ser mostrada como um caso isolado, também pode denotar uma ideia de exceção a regra,

enquanto pessoa branca, bem como jovens brancos que vão para o mundo do crime, famílias brancas não constituídas, jovens que não terminaram só estudos e não adquiriram uma profissão, etc.

Na sequência do programa, entre outros quadros, foi apresentado o caso do pai de 37 anos que tem 20 filhos, com esposas diferentes, evidentemente. Em um primeiro momento, pode-se ter a ideia de que o programa está dando visibilidade a família negra, porém esta é colocada no lugar do exótico uma vez que não se trata de um pai negro que constituiu uma grande família com uma única esposa, mas que substituiu a sua companheira de tempos em tempos.

Tal situação reforçaria a ideia de homem negro animalizado, levado pelos instintos, que não tem compromisso, sendo incapaz de constituir uma família – dito de outra forma, ele é somente corpo, por que ainda estão presentes os pressupostos do século XIX em que a razão é branca e a emoção, a animalidade é negra. Aparentemente existe uma negação da ideia de família negra enquadrada aos padrões tradicionais de família, embora não se esteja aqui buscando ressaltar tal modelo de forma valorativa, mas sim mostrar que, a existência de famílias constituídas por negros (pai negro e mãe negra, casados/as) parece ferir o imaginário brasileiro de que o Brasil seria o país da mistura racial, da miscigenação caminhando da tão sonhada nação branca, ideias que nasceram no contexto do mito da democracia racial (ARAÚJO, 2008, p. 982)

5. DO REFORÇO DE ESTEREÓTIPOS À NATURALIZAÇÃO DO LUGAR DE RIDICULARIZÁVEL

Existe um quadro em que os convidados do programa escolhem duas ou três pessoas da plateia para tornar explícita uma característica bem peculiar da pessoa, normalmente algo do qual se possa rir ou pode ser transformado em algo risível (pelo menos essa foi a impressão que ficou). Na edição de 20 de dezembro de 2014 foram escolhidas três pessoas que estavam na plateia e foi apresentado seu jeito peculiar de se vestir. Dentre elas estava

uma mulher negra da periferia e duas mulheres brancas (que não se sabe dizer se de qual classe social são). As três foram expostas pelo jeito peculiar de se vestir. A mulher negra que usava vestimentas de crochê foi bem mais exposta e tornou-se o símbolo da “breguice” ou da forma “nada a ver” de se vestir. Como se não bastasse ser exposta, sua condição financeira foi exposta também. Foi dito que ela gostava de assistir ao programa Esquenta, mas, que não tinha televisão, tal exposição teve como resultado a entrega, a mulher negra em questão, de uma TV tela plana de cerca de 32 polegadas. A mulher ficou emocionada ao receber a televisão o que a impediu (impedindo também o telespectador) de questionar o que aconteceu logo em seguida, o ator Douglas Silva e o cantor Mumuzinho se vestiram de mulher e a imitaram, tornando a exposição mais ridicularizadora ainda. Eles apresentaram vários modos de usar utensílios do dia a dia, usando o crochê como referência.

Em um quadro de 5 minutos do programa a mulher negra foi ridicularizada por seus trajes pessoais, e como se não bastasse, foi exposta na sua condição financeira ao extremo. A posse de uma televisão que é hoje algo bem banal e qualquer casa de brasileiros e brasileiras, indiferente da classe social (salvo alguém que é muito miserável e não tem onde morar) foi colocado como algo que essa mulher negra não tem. Dessa forma fica explícito que o lugar de pobre é conferido a negros e negras sendo bem situados neste programa de tv e logo, na sociedade.

CONCLUSÃO

No programa Esquenta Regina Casé trouxe as pessoas pobres e negras para o palco, para a plateia e deu a muitas delas a possibilidade de dançar, de cantar e de falar. Isso ficou bem evidente na análise feita de alguns quadros do programa. Mas este programa, da forma como foi veiculado, não deu conta de promover uma reflexão acerca do racismo e nem deu conta de romper com estereótipos, naqueles momentos semanais em que o programa fora veiculado. Isso porque essas tentativas tiveram como pano de fundo a democracia racial e o branqueamento, que são pilares do racismo e da constituição da sociedade brasileira.

A invisibilização das pessoas negras enquanto protagonistas é uma das maiores barreiras a ser enfrentada para que se possa falar de igualdade étnico-racial no Brasil. Não

adianta fazer um discurso contra o preconceito, o racismo, a desigualdade e imediatamente colocar as pessoas negras em lugares de não protagonistas da história, do cotidiano, restando apenas o futebol e outros esportes em que se tem o condicionamento e físico como bem empregados para o seu bom desempenho (porque em alguns esportes como a corrida de carros, esgrima, equitação e outros que requerem investimento o negro não está) e a dramaturgia, como lugares positivos em que as pessoas negras podem ocupar.

O não protagonismo das pessoas negras é algo que está na mentalidade de todos brasileiros e brasileiras, seja qual for sua cor, etnia ou classe. Isso foi ensinado no processo de socialização, pela família, pela escola, pela igreja, pelo mercado de trabalho e, sobretudo, pela mídia, valores estes, sustentados pelo desejo de branqueamento da sociedade brasileira, velado pelo mito da democracia racial e pelo silêncio em questões que dizem respeito ao racismo.

Dado que o Ocidente incutiu na cabeça das elites colonizadas pela Europa, na América e na África, que a humanidade e o protagonismo eram sinônimos de ocidentalidade e, portanto brancos, valendo o mesmo para produção de ciência e de tecnologia, torna-se necessário desconstruir essa falsa ideia de protagonismo e de humanidade, circunscrita geográfica etnicamente ao Ocidente.

REFERÊNCIA

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**. Florianópolis. 2008, vol.16, n.3, pp.979-985. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>>. Acesso em : 12 jan, 2017.

_____. **A negação do Brasil**: o negro na telenovela. São Paulo: Editora SENAC. 2000.

_____. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

_____. A Negação do Brasil - O Negro nas Telenovelas Brasileiras. **Youtube**. 2000. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jJFCEpc7aZM&list=PLIZ9Dyq1zKSpZhKAwbk3PaUxD9FoQ3Vw>>. Acesso em: 31 de maio de 2014.

CORRÊA, Rogério Saldanha. **A construção da brasilidade: uma análise cultural midiática do programa esquentatv globo**. 2016, 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

DANTAS, Luís Thiago Freire; JARDIM, Roberto da Silva. O estatuto ontológico e epistemológico africano. **Revista da ABPN**. V. 8. n. 20. Jul. 2016 – out. 2016. P. 39 -56. Disponível em: <<http://www.abpn.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/7/4>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, Collection le Point [1ª edição 1952 na coleção “Esprit”], 2015.

FERNANDES, Florestan, O Mito Revelado. **Revista Espaço Acadêmico** [originalmente publicado em Folhetim de São Paulo 1980], Ano II, n. 26, 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/026/26hbrasil.htm>>. Acesso em: 12. Jan. 2014.

FOÉ, Nkolo. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica? Tradução: Roberto Jardim da Silva. **Educar em Revista**, Editora UFPR, Curitiba, Brasil, n. 47, jan./mar. 2013, p. 175-228.

GRISON, Everton Marcos. **A Larva no caroço**: Regina Casé, o programa Esquentatv e a deseducação. 1. ed. Verlag: Novos Estudos Acadêmicos, 2016.

HILGERT, Emília Adams. **Do popular ao massivo**: Uma análise o programa Esquentatv. 2015, 86 f. Monografia (Curso de Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, Ohana Boy. “Tudo junto e misturado”: Práticas discursivas do programa Esquentá! In: Congresso internacional de economia e consumo.14. 2014. São Paulo. **Anais...** São Paulo: ESPM, 2014, p. 06 a 15.

PENHA, Francislanda Rodrigues. **Representações midiáticas da pobreza: O programa esquentá! E o reposicionamento do discurso sobre os pobres na tv brasileira.** 2012. 229 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia (FACOMB) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 2012.

PINHEIRO, Iasmin de Simas. A representação social do popular na mídia televisiva: o caso do programa “Esquentá!” da Rede Globo. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** Ano 6 - Edição 1. setembro-Novembro 2012. São Paulo. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/46368>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

Regina Casé e convidados abrem programa com mensagem contra o racismo. GSHOW GLOBO, julho de 2014. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/programas/esquentá/>> Acesso em 07 de julho de 2014.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SILVA, Laianny Martins. Programa ‘Esquentá’ como palco de cidadania. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. Campo Grande, Jun., 2015. **Anais eletrônicos...** Goiânia : Universidade Federal de Goiás, 2015. Disponível em : <<http://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2015/resumos/R46-0124-1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

SILVA, Maria Leonora da. **O que a Globo separa, o Esquentá Junta :** Uma análise da participação das minorias sociais na televisão brasileira. 2014. 42 f. Monografia (Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Pernambuco, João Pessoa, 2014. Disponível em : <<http://www.ccta.ufpb.br/cj/contents/tcc/o-que-a-globo-separa-o-esquetá-junta-uma-análise-da-participação-das-minorias-sociais-na-televisão-brasileira-maria-leonora-da-silva-tcc-2014-1>> . Acesso em : 23 fev. 2017.

SILVA, Paulo César Rosa da Junior. **O retrato das minorias?** Uma análise do Programa Esquentá como elemento de representação das diversidades sociais. (monografia de graduação), UFJR, fev. 2014. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/TCC-Paulo-C%C3%A9sar-Rosa-Final.pdf>> Acesso em: 05 de julho de 2014.

SOUZA, Ana Carolina Ferreira de. **Rede Globo de Televisão e cultura:** representação das favelas brasileiras. através do programa “Esquentá!”. In: XIII Simposio Internacional de Pensamiento Filosófico Latinoamericano, 2012, Santa Clara, Cuba. Trabajos XIII Simposio Internacional de Pensamiento Filosófico Latinoamericano, 2012. Disponível em: <<file:///D:/ARTIGOS%20E%20RESENHAS/Artigo%20sobre%20o%20programa%20esquentá/Representa%C3%A7%C3%A3o%20das%20favelas%20no%20programa%20esquentá.pdf>> Acesso em: 05 jul. 2014.



Revista África e Africanidades - Ano X – n. 25, out-dez 2017 – ISSN 1983-2354
www.africaeafricanidades.com.br

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em Ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Vida. Regina Casé. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/vida>>. Acesso em: 05 jul. 2014.